

RELIGIOSIDADE NOS RIOS ITACAIÚNAS E TOCANTINS **O SAGRADO EM MARABÁ/PARÁ**

SILVIA HELENA DOS SANTOS CARDOSO¹
EDUARDO ROCHA²

¹Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas
silvia.cardoso@unifesspa.edu.br

²Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas –
amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Religiosidade nos Rios Itacaiúnas e Tocantins – O Sagrado em Marabá/Pará é um artigo inserido no contexto do Projeto Internacional de Pesquisa “**Caminhografias Urbanas nos Confins da América do Sul: criando pistas para políticas públicas com povos e comunidades tradicionais onde habitam a margem das cidades de Marabá/PA, Pelotas/RS e Comodoro Rivadavia/AR**” e pretende conhecer as atividades religiosas e culturais desenvolvidas nos rios nas bordas da cidade. Desta forma, a Romaria Fluvial marca o encerramento da Festa do Divino Espírito Santo com os diversos grupos do Divino que embarcam pelas águas dos rios, iniciando o percurso desde o Bairro Amapá até o Bairro Santa Rosa onde está a Capela do Divino Espírito Santo. É uma celebração religiosa, católica e histórica na cidade de Marabá, que consolida um ciclo de fé, tradição e cultura popular.

Portanto, o texto abordará a Festa do Divino Espírito Santo, um evento religioso e sagrado com comemorações em diferentes datas realizadas por Grupos do Divino em Marabá. A Romaria Fluvial é uma oportunidade dos religiosos se conhecerem, compartilharem a fé no Espírito Santo e desfilarem com bandeiras e uniformes pelas águas dos rios, além de observarem e descobrirem outros ângulos da Marabá Pioneira.

Teoricamente, trabalhamos com o antropólogo Mircea Eliade (2016), destacando o sagrado e o profano presentes nas culturas como modelos de ser e estar no mundo; e os arquitetos, Francisco Careri (2013) sobre a caminhada como prática estética; Eduardo Rocha e Taís Beltrame dos Santos (2023) da definição da caminhografia urbana e os inúmeros verbos (2024) inseridos no caminhar/caminhografar. Além de outras referências acerca dos recursos hídricos e minerais na região de Carajás (2023) e da Fotografia como Linguagem Visual onde encontra-se Marabá, no Sudeste do Pará, na Amazônia Oriental.

2. METODOLOGIA

A Metodologia desenvolvida no projeto de pesquisa contempla a **caminhografia** – caminhar e mapear - por lugares e trajetos previamente selecionados pelos participantes do grupo de pesquisadores – docentes e discentes. Nestas caminhografias, a partir dos referenciais teóricos de Careri (2013), e Rocha e Santos (2023), estamos sempre atentos as pessoas, os equipamentos urbanos, os espaços coletivos, as arquiteturas vernaculares, a natureza circundante e alguns questionamentos, dentre eles: **que cidade é esta?** Desta forma, realizamos três longas caminhadas: a **primeira**, da Mangueira a Z30

– desde a Rodovia Transmangueira (à luz da Rodovia Transamazônica que corta a cidade de Marabá) onde encontramos restaurantes, náuticas, motel, casas residenciais, alguns comércios, uma zona militar, e de um lado uma área não habitável devido ao solo úmido e encharcado em virtude da saturação da água, e do outro lado o rio Tocantins; e a Z30, a tradicional Vila dos Pescadores no Bairro Santa Rosa; a **segunda**, partimos do Museu Francisco Coelho, o fundador do Bairro Cabelo Seco e da cidade de Marabá, em direção ao Bairro Santa Rosa, percorremos algumas ruas, o campo de futebol Del Cobra e voltamos no entardecer ao rio Tocantins; a **terceira**, o Bairro do Amapá, o segundo núcleo histórico e origem da Cidade Nova, um bairro contemporâneo, na beira do rio Itacaiúnas; percorremos desde a Rodovia Transamazônica, a rua do Aeroporto até a orla; além de outras caminhografias para compreender como os bairros em Marabá convivem.

A **observação** também é um método da pesquisa à luz da Antropologia e, especificamente, da Antropologia Urbana, posto que observamos diretamente à realidade social e urbana. A **fotografia** também está presente nestas práticas das caminhografias: caminhamos e fotografamos, e quando possível, conversamos, tentamos interagir com as pessoas dos bairros (BRAGA, 2025). E, simultaneamente, acompanhamos as notícias publicadas nos principais meios de comunicações da cidade, desde o jornal local aos grupos de whatsapp e redes sociais. Na figura 1, o flyer digital traz a divulgação da Festa do Divino Espírito Santo.

Figura 1. Flyer XXXII Romaria Fluvial do Divino Espírito Santo.



Fonte: Acervo Projeto Confins Marabá, 2024.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dante da Romaria Fluvial do Divino Espírito Santo, agendamos a data para acompanhamos os grupos do Divino no encerramento das festividades iniciadas meses antes, entre a Páscoa e o Pentecostes, datas sagradas na Igreja Católica. Portanto, entre abril e agosto de cada ano, diversas manifestações religiosas e culturais são realizadas pelos devotos do Espírito Santo. De origem portuguesa, quando a rainha Isabel de Aragão (1.271/1.336) fez uma promessa ao Espírito Santo pedindo que a paz reinasse em Portugal e a reconciliação entre o rei D. Diniz e seu filho D. Afonso IV, chegou ao Brasil com os colonizadores na metade do século XIX e tornou-se uma das práticas religiosas mais antigas e difundidas no catolicismo popular.

Em Marabá, a Festa do Divino Espírito Santo conta com mais de 20 grupos religiosos ativos e independentes, cada um elabora o seu cronograma para que todos possam participar das festividades nos diferentes bairros da cidade. As comemorações religiosas contam com missas, novenas, procissões, festejos e shows populares com fogos de artifício. Os principais símbolos são: **a bandeira vermelha** que lembra as línguas de fogo das narrativas bíblicas, **a pomba branca** no centro da bandeira representa o Divino Espírito Santo, **o imperador** e **a imperatriz** que são coroados na Capela do Espírito Santo.

Em Marabá, a festa foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial e a culminância é a BARQUEATA quando vários barcos saem da orla do rio Itacaiúnas no Bairro Amapá em direção a Capela do Divino Espírito Santo na Z30/Bairro Santa Rosa no rio Tocantins, oficializando a Romaria Fluvial (Figura 2).

Figura 2. A Barqueata: Romaria Fluvial do Divino Espírito Santo.



Fonte: Acervo Projeto Confins Marabá, 2024.

4. CONCLUSÕES

Os rios da Amazônia Brasileira desempenham funções essenciais como vias de transporte de mercadorias e atividades pesqueiras, além de possibilitarem a realização de práticas religiosas e culturais (ELIADE, 2016). Em diferentes cidades do Pará, o Círio de Nazaré é celebrado por meio de romarias fluviais, nas quais moradores acompanham o barco principal que transporta a imagem de Nossa Senhora de Nazaré ao longo dos principais rios da região. Em Marabá, destaca-se a Barqueata – romaria fluvial composta por diversas embarcações e fundada por Raimundo Coelho de Sousa em 1992. Este evento representa um relevante momento de fortalecimento da fé, além de promover relações sociais e religiosas locais, evidenciadas pelas bandeiras vermelhas com pombas brancas ao centro, o mastro e os representantes do festejo, como o imperador e a imperatriz, coroados na Capela. Desde então, os grupos dedicados ao Divino Espírito Santo preservam essa tradição, transmitindo-a entre gerações. Ademais, observa-se que, por meio da metodologia adotada, foi possível identificar em Marabá uma significativa reciprocidade social entre moradores de diferentes bairros urbanos mapeados durante a pesquisa, respondendo ao questionamento inicial sobre as características da cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Silvia Helena dos Santos. Fotografar. In: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos Santos. **Verbolário da Caminhografia Urbana**. Pelotas: Editora Caseira, 2024. p. 185-187.
- CARERI, Francisco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**; trad. Frederico Bonaldo. 1^a ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**; trad. Rógerio Fernandes. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Luiz Braga: arquipélago imaginário**/Instituto Moreira Salles; curadoria Bitu Cassundé. São Paulo: IMS, 2025.
- MONTEIRO, Maurílio de Abreu (org.). **Amazônia: a região de Carajás**. Belém: NAEA, 2023.
- ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos Santos. Como é a Caminhografia Urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. **Arquitextos**, São Paulo, n.281, ano 24, 2023. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923>. Acesso em: 11 de agosto de 2025.